

LINGUAGEM EM FOCO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

V. 7, N. 1, ano 2015

ANÁLISE TRANSLINGUÍSTICA DO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DO SUJEITO MATERIALIZADO ENTRE A CÁRITAS E OS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL DE LIMOEIRO DO NORTE

*Benedito Francisco Alves**

*João Batista Costa Gonçalves***

RESUMO

Este trabalho investiga como a Cáritas Diocesana e os/as catadores/as de materiais recicláveis da cidade de Limoeiro do Norte organizam suas palavras e ações a partir de uma compreensão responsiva. A pesquisa se baseia em Bakhtin (2002a, 2002b, 2010) e Freire (1979, 1983, 1986, 2013). A categoria bakhtiniana da exotopia e a categoria freireana do ser-mais organizam uma reflexão translinguística qualitativa e interpretativa sobre a maneira como catadores/as ressignificam discursiva e ideologicamente suas experiências de vida e sua visão de mundo para se perceberem como sujeitos que podem trabalhar os significados de sua realidade. O método de observação participante permitiu a interação entre o pesquisador e catadores/as em reuniões quinzenais realizadas num prédio localizado atrás da igreja católica local e alugado pela prefeitura de Limoeiro do Norte. Catadores/as observados/as apresentaram um discurso pleno de incertezas e de esperanças num processo de formação implementado ao lado da Cáritas no primeiro semestre de 2015. A análise translinguística das observações de campo revela que a responsividade contribui para a constituição do Ser-mais de catadores/as em luta para assumirem a condição de sujeitos ativos e responsivos.

Palavras-chave: Discurso. Exotopia. Ser-mais.

ABSTRACT

This work investigates how the Diocesan Caritas and collectors of recyclable materials from “Limoeiro do Norte”, a Brazilian town, organize their words and actions from a responsive understanding. The research is based on Bakhtin (2002a, 2002b, 2010) and Freire (1979, 1983, 1986, 2013). Bakhtin’s category outsidersness and Freirean category of being more grounded a qualitative and interpretative translinguistic reflection on how collectors resignify discursive and ideologically their life experiences and their world view to understand themselves as individuals who can work the meanings of your reality. The method of participant observation allowed the interaction between researchers and collectors fortnightly meetings in a building located behind the local Catholic church and rented by Limoeiro do Norte town hall. Observed collectors demonstrated a discourse full of uncertainties and hopes for a formative process implemented side of Caritas to the first half of 2015. Translinguistical analysis of field observations shows that the responsiveness contributes to the formation of being more of collectors to take the condition of active and responsive subjects.

Keywords: Discourse. Outsideness. Being-more.

* Doutorando vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades (CH) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor concursado e efetivo da Secretaria de Educação Básica do estado do Ceará (SEDUC). Email: alfransbe@yahoo.com.br.

** Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2006). Professor adjunto IX da Universidade Estadual do Ceará (UECE) vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades (CH) da referida instituição. Email: jbcgon@ig.com.br.

INTRODUÇÃO

Existir na vida significa estar posicionado para defender um ponto de vista que possa alcançar o outro a fim de que os sujeitos possam avançar no processo de compreensão parcial e apreciativa da realidade que surge a partir de considerações axiológicas situadas além do sujeito apreciador posicionado perante seus pares.

Para Clark & Holquist (2008, p. 102, grifo do autor), a exotopia existe de modo singular, pois o “modo como eu crio a mim mesmo é por meio de uma busca: eu saio de encontro ao outro para voltar com um *self*”.

Quando o sujeito decide agir de forma democrática e menos assimétrica possível ou quando prefere empregar uma máscara de tirania, seu agir já contempla a possibilidade do outro e acaba por abarcar uma parte do outro. Assim, o eu nunca está pleno apenas de si, porque seus limites estão circundados pelos do outro com quem mantém uma tensa e estratégica comunhão de perspectivas.

Tal comunhão de perspectivas de sujeitos posicionados exotopicamente acaba comprovada pela argumentação de Clark e Holquist (*idem, ibidem*) ao considerarem que “[e]u ‘vivo na’ consciência de um outro; [...]. Mas não devo jamais fundir-me inteiramente com essa versão das coisas, pois quanto maior for o meu êxito em fazê-lo, tanto mais serei presa das limitações do horizonte do outro”.

E na luta para não assumir o campo de visão do outro como algo dado e definitivo reside a habilidade do eu que toma posse sem apagar seu ser na vida por compreender que a convivência não significa apagamento, mas partilha responsável de pontos de vista em movimento de resposta no espaço-tempo.

A CATEGORIA BAKHTINIANA DA EXOTOPIA PARA AS RELAÇÕES ENTRE OS SUJEITOS

Conforme a opção epistemológica dos sujeitos, o ponto de vista exotópico do outro passa a integrar uma porção parcial da atividade de compreensão dos sujeitos. Uma atividade contingente porque não ocorre num vácuo de sentimentos e de lembranças construídas por sujeitos situados em seus contextos de ação/reflexão.

Tanto o sujeito da academia quanto o sujeito do povo possuem seus recursos epistemológicos para realizar um processo de compreensão responsiva acerca daquilo que afeta as condições de sua experiência no mundo da vida. Ambos afetam e são afetados pela opinião alheia posicionada com um determinado acabamento, orientada por um objetivo específico e direcionada para alcançar e afetar os discursos de sujeitos específicos que contemplam a vida a partir de seus lugares.

Clark & Holquist (2008, p. 102, grifo do autor) defendem o diálogo entre pontos de vista exotópicos, pois a “fusão completa (uma *Aufhebung* dialética), mesmo que fosse possível, impossibilitaria a diferença indispensável ao diálogo”.

O ato de compreender é uma tomada de posição. Posicionar-se para o outro é um gesto renovador da experiência existencial de um eu que reconhece a limitação daquilo que pensa saber e daquilo que luta para defender perante os movimentos de tomada de consciência e de reposicionamento do outro. Afinal, segundo Clark & Holquist (2008, p. 102), “[q]uando eu tiver investigado a consciência de outrem de maneira tão cabal quanto posso, encontrar-me-ei dentro de seu horizonte, e aquilo que ele não pode ver eu serei incapaz de ver”.

O exercício de transitar entre os pontos de vista do eu e do outro é uma questão dialógica a qual nenhum sujeito pode se furtar sob pena de reduzir o potencial de significação ideológica e semiótica de sua realidade a uma opinião parcial e insuficiente para promover uma renovação dos sentidos.

Por isso, Clark & Holquist (*idem, ibidem*) asseveram que o sujeito deve considerar o horizonte apreciativo do outro antes de regressar a seu próprio horizonte apreciativo e realizar uma atividade/reflexão mais abrangente e organizada na intersecção entre a apreciação do eu e a do outro.

O sujeito contempla o ponto de vista do outro com intensidade e acuidade específicas, mas, além disso, depende da maneira como o processo contemplativo ocorre para poder se apropriar de um excedente de visão realizado na interação entre duas vozes e duas consciências que se respondem.

O dialogismo só pode ser vivenciado efetivamente por meio de processos exotópicos de co-vivenciamento em que cada sujeito luta com uma disposição consciente para manter seu lugar singular e “não coincidente [...], o que significará um acréscimo de visão [...]”, segundo Magalhães Júnior (2010, p. 17), a fim de aproveitar ao máximo o que o outro cede de si em seu olhar apreciativo e, em seguida, ressignificar o que reflete acerca da realidade e dos sujeitos em redor.

Magalhães Júnior (2010, p. 19) defende que a “noção de acabamento que o outro pode me dar é sempre provisória e mutante, dependente sempre da possibilidade aberta que a vida representa”, pois a inconclusibilidade do ponto de vista exotópico caracteriza as relações responsivas entre os sujeitos que atuam de acordo com os limites do ato empático e axiológico/apreciativo do eu e do outro.

Para Bakhtin (2003, p. 10), “a idéia da empatia (*Einfühlung*) como princípio de conteúdo-forma que sedimenta a relação do autor-contemplador com o objeto em sentido geral e com a personagem” orienta uma relação mediada pela distância exotópica e complementar que os sujeitos podem partilhar quando interagem.

Para Bakhtin (2003), a condição sólida de um ponto de vista axiológico está na complementação das opiniões do eu e do outro, ou seja, privado do olhar transgrediente de um companheiro, acaba reduzida a possibilidade de o sujeito situar seu ser a partir de uma compreensão mais desenvolvida.

A reflexão bakhtiniana resvala num combate declarado ao perfil ensimesmado de uma sociedade marcada por práticas de isolamento que resultam na desvalorização da contribuição do outro para o contexto de vida do eu e vice-versa.

Bakhtin (2003, p. 21) reconhece ser o “excedente da [...] visão, [...] condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do [...] lugar no mundo [...]” ocupado por sujeitos em ação, porque tanto o sujeito quanto seu outro são responsáveis por aproveitarem a distância como um fator significatório.

Para Bakhtin (*opus cit*, p. 25), uma “atividade estética começa propriamente quando retornamos a nós mesmos [...] quando enformamos e damos acabamento ao material da compenetração [...]” porque o outro “é o único capaz de criar para [o eu] uma personalidade externamente acabada; tal personalidade não existe se o outro não a cria” (*opus cit*, p. 33) e porque a possibilidade de compreensão da totalidade de um acontecimento vivenciado depende de os sujeitos assumirem uma posição de distância em relação a cada interlocutor e ao grupo como um todo.

Ao situar a relação entre os sujeitos na tensão constitutiva de um fenômeno plural marcado pelo viés da linguagem e da ideologia, Bakhtin (2002) reforça a influência de pontos de vista singulares em interação apreciativa para a promoção de pontos de vista que transitam entre a ideologia mais oficial e a ideologia do cotidiano, ambas manipuladas por sujeitos que apresentam sua contribuição em defesa de uma ou de outra no ato responsivo e exotópico de agir dialogicamente em contrapartida ao que seus companheiros ou adversários já enunciaram.

A discussão mais voltada para a materialidade ideológica da linguagem abordada em Bakhtin (2002) acaba reforçada em Bakhtin (2010) durante a discussão sobre o plurilinguismo das manifestações intersubjetivas que ressignificam as condições em que o contexto de vivência dos sujeitos é reorganizado pela interação entre a voz de um eu posicionado perante seus pares com uma resposta sempre ativa e renovadora na medida em que não pode haver ação humana desprovida de uma intenção volitiva e exotópica.

A linguagem é uma atividade semiótica e significativa que interage com a ideologia para organizar uma apreciação de vida que os sujeitos defendem e atacam para constituírem formas de vida, algumas mais plurais, outras menos afeitas ao processo de interação responsiva a partir do momento em que desconsideram a contribuição que o outro manifesta a partir de um ponto de vista também plurilíngue.

O sujeito posicionado em um ponto de visão exotópico assume uma interpretação axiológica e complementar ao outro. A própria escolha do ponto interfere no que os sujeitos podem observar e influencia na elaboração de interpretações equivocadas que não favorecem uma visão mais abrangente.

A investigação das questões transitadas entre o ponto de vista axiológico do sujeito e o do outro promovem relações intersubjetivas de sentido maiores que os limites da ciência linguística, porque repousam no âmbito das relações dialógicas apenas operacionalizáveis no plano da ciência translinguística (Bakhtin, 2002b).

A axiologia envolvida nas diversas relações entre os interlocutores estão em constante processo de reorganização e demandam um esforço do eu e do outro para responderem ao que a singularidade de cada ser operacionaliza no plano das relações de significado assumidas pelo ativismo de sujeitos situados.

Quanto mais diálogo e mais consideração do ponto de vista do outro, mais possibilidade de o eu vir a galgar mais um degrau num edifício de conhecimentos tornados significativos na experiência de uma vida responsiva e posicionada em direção ao que o outro traz ao longo de seus movimentos e de seus pontos de vista, aquilo que na teoria freireana vem a ser classificado como o ser-mais do sujeito.

A EXOTOPIA COMPLEMENTAR ENTRE BAKHTIN E PAULO FREIRE

A atividade humana não resulta apenas de uma capacidade física para alterar e transformar o aspecto material daquilo que as mãos podem tocar. O mundo imaterial dos discursos ideológicos e dialógicos operacionalizados pelo ato discursivo dos sujeitos em um dado contexto sofre constantes alterações que mais radicalmente conseguem afetar aquilo que os corpos e as apreciações alcançam.

Neste trabalho, o viés ideológico compreende a realidade social e cultural dos sujeitos num espaço-tempo que oscila entre as forças da conservação dos significados e as forças da dispersão dos sentidos (BAKHTIN, 2002).

Já o viés dialógico está relacionado ao aspecto ético (a relação de interpenetração responsiva do eu e do outro) e estético (o exercício de máximo acabamento axiológico) (BAKHTIN, 2003) das formas de interação dos homens e das mulheres que existem e elaboram sua compreensão como uma resposta responsável que resulta em transformações e em novas ressignificações.

Em sua tese de doutoramento, Silva (2012, p. 25) acredita que o “ato só pode ser considerado uma ação quando esta é constituída de uma responsabilidade, de uma ação moral, que deve estar em comunhão com sua responsividade de conteúdo”, do contrário, “se torna uma possibilidade vazia” (opus cit. p. 28).

Optar por compreender os sujeitos como seres dinâmicos a partir da realidade de atos vividos em contextos de interação é, à maneira de Paulo Freire (1979), pensar formas de o homem e de a mulher construírem um caminho para sua liberdade. Liberdade de formas de dominação estabilizadas na prática hegemônica de discursos reiterados por grupos mais estabilizados de poder e de verdade.

Na época em que o Brasil vivia ainda sob o domínio de governos militares, a argumentação de Freire (1979, p. 42) desafia as barreiras entre os sujeitos a partir de atos de integração crítica e libertadora ao definir que a “integração resulta da capacidade de ajustar-se à realidade acrescida da de transformá-la a que se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade”.

Freire (opus cit. p. 107) insiste no exercício do diálogo como “uma relação de A com B. [...]. E quando os dois pólos do diálogo se ligam [...] se fazem críticos [...]. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação”. Um exercício que não pode ocorrer com a intenção de objetificação nem de um nem de outro em virtude disso mitigar o potencial de criticidade e de desenvolvimento de um ponto de vista companheiro e complementar.

Para conhecer o que ainda falta ser conhecido e o que é manifestado a cada ato de interação, os interlocutores precisam perceber, como Freire (1979, p. 115), que “[t]ôda (sic) vez que se converta o ‘tu’ desta relação em mero objeto, se terá pervertido o diálogo e já não se estará educando, mas deformando”.

Ao deformar a relação, o sujeito deforma a elaboração dos sentidos para fazer valer a opinião de uma só voz, uma apreciação monofônica.

Conforme Freire (1983, p. 17), “[s]omente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de ‘distanciar-se’ dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação” que, ao mesmo tempo em que ocorre como uma manifestação da vontade de um sujeito posicionado, também funciona como uma totalidade enunciativa e sónica que responde a um conjunto de enunciados anteriores.

Toda ação é uma resposta intersubjetiva influenciada pelo conjunto já realizado por um conjunto de sujeitos e, também, é uma prática enunciativa verbalizada com palavras (orais ou escritas) e/ou com outros recursos semióticos gerenciados pelas formas de vida em que os sujeitos se comprometem.

Quando o sujeito decide agir, uma apreciação é realizada para significar a realidade circundante e para marcar o ato do ser de cada sujeito. Isso envolve a decisão pelo compromisso de um eu para si mesmo e para o outro. Por isso, Freire (1983, p. 21) concorda que “[n]a medida em que o compromisso não pode ser um ato passivo, mas práxis – ação e reflexão sobre a realidade – inserção nela, ele implica indubitavelmente um conhecimento da realidade”.

Grupos formados por sujeitos que tiveram sua condição de seres compreensivos reduzida pela imposição desamorosa de terceiros precisam lutar para conquistar seus direitos porque há um discurso que os impede de ser mais ou de trocar suas posições nas teias significativas das relações intersubjetivas da vida.

Mais que em outras situações, os sujeitos empobrecidos por práticas tirânicas (das mais escancaradas às mais discretas) podem subverter com mais objetividade e menos dificuldade as situações desumanizadoras em que vivem quanto mais dispostos estiverem para questionar suas condições de vida e quanto mais diálogo com os outros puderem promover.

A companhia de um sujeito mais experiente em uma posição exotópica ajuda os sujeitos a complementarem e, em seguida, a reelaborarem os significados com os quais suas vidas são implementadas e suas consciências ressignificadas, uma vez que a “consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca”, conforme Freire (1996, p. 57).

Consciências ressignificadas pela influência exotópica de outras não perdem sua singularidade. Enquanto Bakhtin (2010) defende o plurilinguismo, o diálogo infindo entre consciências imiscíveis e equipolentes, Freire (1996, p. 59) defende a exotopia ao priorizar o “respeito à autonomia e à dignidade de cada um [como] um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”.

As diversas atrocidades e crimes contra a humanidade foram perpetradas pela opção de alguns sujeitos em fazerem sua vontade e sua voz se manterem como definitivas. As manifestações de opressão na sociedade capitalista são causadas por uma atitude desumanizadora das relações humanas e objetificadora da condição interlocutiva e singular dos sujeitos no ato de existir com os outros.

A distância que promove a exclusão enquanto articulação de uma vontade sobre as demais não é a mesma distância que promove a exotopia enquanto fenômeno da intercomplementaridade,

raciocínio reiterado por Freire (2013, p. 104) ao perceber que “qualquer que seja a situação em que alguns homens proibam aos outros que sejam sujeitos de sua busca, se instaura como situação violenta”.

Por isso, Freire (2013, p. 51) defende a impossibilidade de um “mundo sem homens, tal qual a outra ingenuidade, a do subjetivismo, que implica homens sem mundo” porque os sujeitos estão envolvidos num projeto integrador de vozes e de consciências posicionadas em pontos estratégicos, donde operacionalizam o mundo através do movimento compreensivo-responsivo defendido a partir de seus pontos de vista, isto é, de suas axiologias com as quais o mundo é ideologizado.

Para organizar um modelo de convivência pautado no respeito entre os sujeitos, o eu e o outro não podem prescindir de assumirem o valor axiológico de suas posições como elementos que determinam rumos para a complementação do processo de significação dos sujeitos, do contexto e das relações intersubjetivas.

METODOLOGIA

Os resultados desta pesquisa foram colhidos no ano de 2015 durante encontros com representantes da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte, cidade do interior do estado do Ceará, e catadores/as associados/as da referida cidade.

Esta pesquisa se utilizou de uma perspectiva etnográfica ou investigação participante, que segundo Bonfim (2011, p. 81-82), “não consiste apenas na presença do/a pesquisador/a no contexto da pesquisa (apenas para observar), mas também, na construção de uma aproximação paulatina [...]”.

O objeto desta pesquisa são os enunciados e os atos resultantes da interação entre a Cáritas diocesana de Limoeiro e os/as catadores/as de uma associação em Limoeiro do Norte para superar formas de opressão.

A cidade de Limoeiro do Norte no Ceará está localizada na região do Vale do Jaguaribe, entre o mar, o sertão e o estado do Rio Grande do Norte. Os sujeitos desta pesquisa são os técnicos que trabalham na Cáritas e os/as catadores/as de uma associação nesta referida cidade.

A pesquisa se baseou em participações junto a reuniões e a encontros de formação nos quais os/as agentes da Cáritas e os/as catadores/as problematizavam questões sobre a organização do grupo para redefinir seu papel diante dos esquemas ideológicos e econômicos que atravessam a realidade de Limoeiro.

As reuniões enfrentavam dificuldades em virtude das marcas deixadas pelas condições discursivas em que os sujeitos transitavam e o projeto de ressignificação da opinião, que instaura a cisão entre os sujeitos, é um desafio para quem se acostumou a vender sua força de trabalho a troco de quase nada ou escolheu se contentar com o exercício de um papel de sujeito empobrecido que existe numa realidade naturalizada como dada previamente e sem possibilidade de mudança.

Como parte de uma pesquisa ainda em processo de refinamento sobre a intersecção entre letramentos (SOARES, 2001; MORTATTI, 2004; KLEIMAN, 2008; ROJO, 2009) e a categoria bakhtiniana da responsividade, este trabalho focaliza mais especificamente um pronunciamento enunciado pela presidente da associação de catadores/as após a fala de um agente da Cáritas na Câmara de Vereadores de Limoeiro do Norte como uma resposta responsável de quem vive a condição de ser empobrecido/a diante de discursos operacionalizados em seu contexto local.

ANÁLISE DE DADOS

Na tribuna da Câmara de Vereadores, Maria Rubens ou (dona Pedinha) verbalizou os interesses e as histórias de vida de catadores/as empobrecidos/as pelos discursos vigentes no contexto de Limoeiro do Norte. Enquanto presidente da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul, ela responde à apreciação de Machado de Assis no livro *Helena*, através do personagem Salvador ao definir que:

Na abastança é impossível compreender as lutas da miséria e a máxima de que todo homem pode, com esforço, chegar ao mesmo brilhante resultado, há de sempre parecer uma grande verdade à pessoa que estiver trinchando um peru... Pois não é assim, há exceções. Nas coisas deste mundo, não é tão livre o homem, como supõe, e uma coisa, a que uns chamam mau fado, outros concurso de circunstância, e que nós brasileiros batizamos com o genuíno nome brasileiro de caiporismo, impede a alguns ver o fruto de seus mais heroicos esforços. (MARIA RUBENS)

A Caritas tenta dialogar com o grupo de catadores/as para que seus integrantes nascidos na vida em zonas urbanas contemporâneas comecem a procurar soluções para combater vozes institucionalizadas que não se organizam para ouvir as opiniões de catadores/as acostumados a não cobrarem melhorias efetivas e um processo de reorganização de seu papel no contexto ideológico e econômico dos contextos e dos municípios em que realizam atos concretos.

Instituições e indivíduos que alcançaram o usufruto de bens e de serviços historicamente trabalharam para evitar que os demais formassem um contingente mais consciente de que homens e mulheres não podem ser apagados de forma falocêntrica ou peremptoriamente definitiva.

Em sua fala, disponível no *Youtube* como parte de um projeto para que catadores/as alcancem maior visibilidade, a presidente da associação demonstra que conseguiu aproveitar os diálogos com os agentes da Cáritas para lutar por seus direitos a partir do ato de tomar posse da palavra em lugares legalmente institucionalizados, como a sede do poder legislativo municipal.

A Cáritas atua com um ponto de vista exotópico para o sujeito catador/a. A Câmara de vereadores/as de Limoeiro do Norte é um contexto exotópico para catadores/as. A própria associação exerce uma atividade exotópica para orientar a fala de sua presidente quando ela atua em um espaço cujas regras diferem das que marcam no ambiente de catação realizado nas ruas ou no lixão municipal.

Dona Pedinha, diante das câmeras da TV Jaguar, vereadores e companheiros/as, apresenta seu ser ressignificado com a Cáritas, e enuncia:

Bom dia a todos e a todas. Eu sou a presidente da Associação. Tive dois anos na associação aí os ouros não quiseram assumir [...] aí me botaram na presidência de novo.

Só sabia mesmo catar material reciclável.

A gente não nasceu burro. A gente nasceu analfabeto. A situação da gente é muito triste. (MARIA RUBENS, presidente da associação de catadores/as)

Dona Pedinha se agiganta quando aproveita a institucionalidade da tribuna para realizar um enunciado como um ato social e político de formação, de reflexão e de informação em prol da construção de um agente situado e orquestrado pela conjugação responsiva e exotópica de vozes com as quais novos sentidos para a função dos sujeitos acabam reformulados em suas vidas ordinárias.

Quando dona Pedinha apresenta aos vereadores sua visão de mundo, suas impressões existenciais resultantes da unificação da catadora empobrecida na figura do sujeito em diálogo formativo com os agentes da Cáritas ganham nova significação pela tensão entre as forças centrífugas e as centrípetas da sociedade.

Mais consciente de sua situação e do que pode alcançar de forma colaborativa junto com outros, dona Pedinha comprova que apenas o sujeito pode exercer o papel exotópico de tornar-se senhor/a de sua história e de suas decisões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para subverter situações particulares que combatam a insensibilidade socioambiental e econômica responsável por empobrecer catadores/as, as posições ideológicas dos sujeitos e de seus grupos dependem de um contato permanente com outros pontos de vista defendidos por outros sujeitos da sociedade.

As atividades em que se engajam catadores/as apoiados/as pela Cáritas são importantes na medida que trazem para mesa de discussão diversas opiniões exotópicas que complementam a opinião do eu em função da opinião do outro situado em um outro ponto no espaço-tempo das relações intersubjetivas.

A ação responsiva é uma forma de palavra e se manifesta como um palco de lutas por condições dignas de vida e por ressignificações menos assimétricas e mais vantajosas para o sujeito e para os seus grupos sociais diante das formas de ordenamento da vida constituídas entre os significados mais sociais e os sentidos mais subjetivos com os quais os sujeitos manifestam sua responsividade.

Para ressignificar os discursos de opressão em que são alocados/as catadores/as, a vida dizível surge como o local de contestação e de organização dos sentidos que pode tornar os sujeitos participantes que compartilham opiniões e posicionamentos exotópicos para ajudarem uns aos outros mutuamente.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem** (trad. de Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira). São Paulo, Hucitec-Annablume, 2002a, 9ª ed.

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5ª edição. Rio de Janeiro, RJ. Forense Universitária. 2002b.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. (Estétika sloviésnovo tvórtchestva) Introdução e tradução do russo: Paulo Bezerra: prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Coleção biblioteca universal.

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de estética** (a teoria do romance). Hucitec. São Paulo, 2010b. 6ª edição. Tradução de Aurora F. Bernardini, José P. Júnior, Augusto G. Júnior. Helena S. Nazário. Homero F. de Andrade.

BONFIM, M. A. L. **Queres saber como fazer identidades com palavras?** Uma Análise em pragmática cultural da construção performativa do Sem Terra no MST-CE. Fortaleza, 2011. 150p. Disponível em <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/MarcoAntonioLimadoBonfim>. Acesso em: 7 fev. 2015.

CLARK, Katerina & HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin**. Trad. J. Guinsburg. S.P. Perspectiva. 2008.

SILVA, Danitza D. **Bakhtin e Paulo Freire**: a relação do eu e do outro e as relações dialógicas para a prática da liberdade. Tese UFSC.. S.P. 2012. 142p. Disponível em: <http://www.btdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5090>. Acesso em: 24 fev. 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 9ª ed. R.J, Paz e Terra, 1979. 150 pág.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Coleção Educação e Mudança. Volume 1. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. 82 pág.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. 54ª ed. 258 p.

KLEIMAN, Ângela B (org.). **Os significados do Letramento** – uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, São Paulo. Mercado de Letras. 1995. Coleção Letramento, educação e sociedade. 10ª reimpressão. 2008.

KLEIMAN, Ângela B (org.). **Os significados do Letramento** – uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, São Paulo. Mercado de Letras. 1995. Coleção Letramento, educação e sociedade. 10ª reimpressão. 2008.

MAGALHAES JÚNIOR, Caibar P. **O conceito de exotopia em Bakhtin**: uma análise de O filho eterno, de Cristovão Tezza. Orientador: Dr. Caetano W. Galindo. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2010. 248 páginas. Disponível em http://www.cristovaotezza.com.br/critica/ficcao/f_conjunto_obra/caibar_magalhaes_o_filho_eterno.pdf. Acesso em: 8 jun. 2016.

MORTATTI, Mria do R. L. **Educação e letramento**. São Paulo. UNESP, 2004. 136 p. Coleção Paradidáticos. Série Educação.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. S.P. Parábola. 2009. 128 p.

SOARES, M. **Letramento – um tema em três gêneros**. 2ª ed. 3ª reimpressão. Belo Horizonte – Minas Gerais. Editora Autêntica. 2001. CEALE – UFMG. 128 pág.

